

O atendimento educacional às pessoas com altas habilidades/superdotação na perspectiva materialista-histórica dialética do sistema capitalista

**Veridiana Vicentini Teixeira Maior
Alexandra Ayach**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir o tema atendimento educacional especializado às pessoas com altas habilidades/superdotação a partir referencial teórico materialista-histórico no qual realizo a pesquisa da dissertação. A partir desse referencial faremos um percurso sobre alguns acontecimentos relacionados à educação e as altas habilidades, no contexto social, econômico e histórico, pois os fatos que emergem com um tema só têm sentido na medida em que são referenciados a uma totalidade que expressa as necessidades do nosso tempo. A ideologia desenvolvida pelas competências e habilidades, não pode ser entendida fora da lógica da divisão do trabalho, mas deve ser analisada dentro das relações sociais e no valor de mercado que as mesmas têm para o capital.

Palavras-chave: Altas habilidades/superdotação; educação; capitalismo

1. Introdução

Marx elaborou um método de análise e interpretação sobre o capitalismo, baseado na filosofia clássica alemã, no socialismo utópico francês e na economia política inglesa.

Na teoria marxista, o materialismo histórico explica a história das sociedades humanas, em todas as épocas, através dos fatos materiais e econômicos. As relações sociais são interligadas às forças produtivas, pois adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção e, conseqüentemente, suas relações. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX E ENGELS, 2006).

A defesa pelo rigoroso determinismo econômico foi defendida por Marx. Para ele não é ter consciência ou ser social que confere ao homem sua singularidade, mas a capacidade de produzir suas condições de existência. As relações sociais do homem são tidas pelas relações que o homem mantém com a natureza, onde se constitui a partir de seu próprio trabalho, logo, a sociedade se constitui a partir de suas condições materiais de produção.

Segundo Marx,

Ao estudarmos um determinado país do ponto de vista da sua economia política, começamos por analisar a sua população, a divisão desta em classes, a cidade, o campo, o mar, os diferentes ramos da população, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias, etc. Parece correto começar pelo real e o concreto, pelo que se supõe efetivo; por exemplo, na economia, partir da população, que constitui a base e o sujeito do ato social da produção no seu conjunto. (MARX, 1859)

Para Marx, a base da sociedade é a produção econômica, em que se ergue uma superestrutura, um estado e as idéias econômicas, sociais, políticas, morais, filosóficas e artísticas. Os trabalhadores estariam dominados pela ideologia da classe dominante, ou seja, as idéias que eles têm do mundo e da sociedade seriam as mesmas idéias que a burguesia dissemina. A grande massa da população dedica-se a trabalhar e a produzir subordinada a uma classe dominante.

O todo, tal como aparece na mente como um todo pensamento, é produto da mente que pensa e se apropria do mundo do único modo que lhe é possível; modo que difere completamente da apropriação desse mundo na arte, na religião, no espírito prático. O sujeito real conserva a sua autonomia fora da mente, antes e depois, pelo menos durante o tempo em que o cérebro se comporte de maneira puramente especulativa, teórica. Por consequência, também no método teórico é necessário que o sujeito - a sociedade - esteja constantemente presente na representação como ponto de partida. (MARX, 1859)

A teoria marxista também explica a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas ao longo do processo histórico. Segundo a concepção marxista, existe uma permanente dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos na história da humanidade, que é constituída por uma permanente luta de classes. Marx defendia que a luta do proletariado do capitalismo não deveria se limitar à luta dos sindicatos por melhores salários e condições de vida, mas que também deveria ser ideológica para que o socialismo fosse conhecido pelos trabalhadores e assumido como luta política pela tomada do poder.

Ele tentou demonstrar que no capitalismo sempre haveria injustiça social, e que o único jeito de uma pessoa ficar rica e ampliar sua fortuna seria explorando os trabalhadores, ou seja, o capitalismo, de acordo com Marx é desigual, pois o operário produz mais para o seu patrão do que o seu próprio custo para a sociedade. Ele apresenta o capitalismo como um regime econômico de exploração, sendo a mais-valia a lei fundamental do sistema.

A partir da perspectiva materialista-histórica, percorreremos então, em partes da história que trazem referências às pessoas com altas habilidades e/ou consideradas com inteligência superior.

2. Altas habilidades na história

Na humanidade pode-se constatar, desde primórdios, um interesse por aquelas pessoas consideradas mais habilidosas, mais capazes. Waddington (apud ALENCAR, 1986) indica Confúcio como o primeiro filósofo a sugerir que as crianças com habilidades superiores deveriam ser identificadas e suas habilidades desenvolvidas. Também cita Alencar (1986) que, já no ano de 2200 a.C., os chineses haviam elaborado um sistema de exames competitivos para selecionar os indivíduos excepcionalmente mais habilidosos. Estas crianças eram separadas e levadas à Corte, onde recebiam um tratamento de excelência.

A cultura Grega desponta como uma das que mais atenção deu aos jovens com inteligência superior justificando assim, o enorme número de filósofos, matemáticos e astrônomos que deixaram várias contribuições há mais de dois mil anos. Platão defendia a idéia de que aqueles indivíduos com inteligência superior deviam ser selecionados nos seus primeiros anos de infância e suas habilidades cultivadas em benefício do Estado. Para ele tais pessoas deveriam ser preparadas para serem líderes, num grupo ao qual chamou de "Crianças de Ouro". Esta recomendação de Platão corroborava com a idéia que ele queria passar de que, liderança deveria caber à elite da aristocracia, ou seja, de que ele era a pessoa mais preparada para governar o Estado. Platão também conseguia explicar assim as diferenças entre os sujeitos daquela época, uma vez que esta visão filosófica concebia as diferenças como algo inato.

Alencar (ibid.) ainda registra que, um Sultão na Turquia do século XV, enviou emissários por todo o império para recrutar os meninos mais fortes e inteligentes, independente da classe social a que pertenciam para desenvolver seu potencial na escola que fundou no palácio em Constantinopla.

No século XV e XVI, as pessoas com altas habilidades eram interpretadas como bruxos, demônios e nocivas à sociedade. O Renascimento marca o final da Idade Média e o início da Idade Moderna, caracterizando a transição do Feudalismo para o Capitalismo. O ideal do humanismo foi o móvel dessa

mudança, com a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceito que havia impregnado a cultura da Idade Média.

O capitalismo tem seu início na Europa. Suas características aparecem desde a idade média (do século XI ao XV), devido a transferência do centro da vida econômica social e política dos feudos para a cidade. Com o comércio reativado pelas Cruzadas (do século XI ao XII), a Europa passou por um intenso desenvolvimento urbano e comercial e, conseqüentemente, as relações de produção capitalistas se multiplicaram, minando as bases do feudalismo. Na Idade Moderna, ocorre uma grande expansão do poderio econômico e político dos reis através do mercantilismo e do absolutismo.

Com o absolutismo e com o mercantilismo o Estado passava a controlar a economia e a buscar colônias para adquirir metais através da exploração, garantido o enriquecimento da metrópole e favorecendo a burguesia - classe que detém os meios de produção - que passa a contestar o poder do rei, resultando na crise do sistema absolutista. A partir de então, com as revoluções burguesas, como a Revolução Francesa e a Revolução Inglesa, garantiu-se o triunfo do capitalismo.

Sobre os meios de produção, Marx diz:

Nas suas grandes linhas, os modos de produção asiático, antigo, feudal e, modernamente, o burguês podem ser designados como épocas progressivas da formação econômica e social. As relações de produção burguesas são a última forma antagônica do processo social da produção, antagônica não no sentido de antagonismo individual, mas de um antagonismo que decorre das condições sociais da vida dos indivíduos; mas as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a resolução deste antagonismo. Com esta formação social encerra-se, por isso, a pré-história da sociedade humana.(MARX, 1859).

Após a segunda metade do século XVIII, com a Revolução Industrial, inicia-se um processo ininterrupto de produção coletiva em massa, geração de lucro e acúmulo de capital. A burguesia assume o controle econômico e político na Europa Ocidental e a força do capital se impõe. Surgem as primeiras teorias econômicas: a fisiocracia e o liberalismo. O escocês Adam Smith (1723-1790), percussor do liberalismo econômico, publica na Inglaterra *Uma Investigação sobre Naturezas e Causas da Riqueza das Nações*, em que defende a livre-iniciativa e a não-interferência do Estado na economia.

Neste clima de manutenção da classe burguesa proporcionado pelo capitalismo, Galton publicou, na Inglaterra, em 1869, o *Hereditary Genius* (Gênio Hereditário), que consistiu em uma análise das famílias britânicas mais proeminentes e possivelmente mais inteligentes, no qual associa a inteligência aos sentidos e considera que o fenômeno da superdotação é transmitido através das gerações. Galton foi um teórico da hereditariedade que formulou a polêmica teoria eugênica sobre o aprimoramento da espécie. Usou o termo eugenia para expressar a possibilidade de aprimoramento da raça humana por meio de cruzamentos genéticos premeditados.

No ano de 1880, J.M. Cattell leva para os EUA as idéias de Galton, e se dedica no Laboratório de Wundt, em Leipzig, ao estudo das diferenças individuais. Inicia o uso dos testes com doentes mentais, baseado nas idéias higienistas e na teoria da evolução de Darwin, que sugeria a existência de diferenças individuais determinadas pela espécie como repercussão para a sobrevivência.

Em 1905, por solicitação do governo francês, Alfred Binet publica uma escala métrica de inteligência que ele havia elaborado com Theodore Simon. Esta escala tinha por meta medir o desenvolvimento da inteligência das crianças de acordo com a idade (idade mental). Este trabalho foi o ponto de partida para muitos outros testes, em particular o de QI. Binet, em suas pesquisas a respeito dos processos mentais, enfatizava a importância de se avaliar as habilidades mentais e superiores. O Termo QI surge em 1911, quando o alemão William Stern desenvolveu o Quociente Mental, equação resultante da Idade Mental dividida pela Idade Cronológica multiplicada por 100. Alencar (1986, p. 05)) salienta que, “a partir da divulgação do teste desenvolvido por Binet, o uso de instrumentos para medir inteligência dos indivíduos tornou-se algo bastante freqüente”.

Os estudos com as pessoas com altas habilidades/superdotação iniciaram-se na década de 20, na Stanford University com o psicólogo Lewis Terman, que inaugurou a pesquisa psicológica sobre esta população e influenciou os estudos na área desde então (Winner,1998). Nesta pesquisa, foi feito um estudo longitudinal massivo com mais de mil e quinhentas crianças com QI elevado.

Terman pretendia mostrar com este estudo que estas crianças com QI alto eram superiores não apenas só em áreas acadêmicas, mas também no desenvolvimento físico e social, ele desejava combater um mito de que as crianças com QI alto eram desajustadas fisicamente e socialmente. Terman utilizou para sua amostra alunos indicados pelos professores como mais inteligentes e mais novos. Com estes alunos ele aplicou testes de

inteligência, como o Stanford – Binet. As crianças com escore acima de 135 ou mais foram convidadas a participar do estudo.

Desde a pesquisa de Terman, as pessoas com altas habilidades/superdotação foram estudadas em consequência de sua inteligência extraordinária. Segundo Virgolim (2007), “O século XXI nascerá com o prenúncio de uma nova era, em que cada vez mais as nações percebem que os talentos humanos são seus bens mais preciosos.”

3. Altas habilidades/superdotação no contexto da sociedade capitalista

Questões relativas ao tema de altas habilidades/superdotação vêm mobilizando pesquisas em diversos países, fruto de fatores, tais como: reconhecimento das vantagens para o país que investe na educação de estudantes que se destacam por seu potencial superior e valorização da necessidade de um atendimento diferenciado àqueles que se sobressaem por suas habilidades e talentos.

O objetivo comum nos estudos sobre altas habilidades/superdotação tem sido o de propiciar o desenvolvimento do potencial destes alunos, visando que este conhecimento seja utilizado em favor das necessidades da sociedade capitalista e, também, que não seja mobilizado para outros grupos que contrapõem as leis sociais e prejudicam a organização que favorece o capital.

O sistema econômico atual exige cada vez mais das pessoas. Devido a velocidade com que o conhecimento passou a ser transmitido por meios eletrônicos, foi introduzida a necessidade de constante inovação, que compreende no domínio e a conquista novas habilidades, desenvolvimento e aperfeiçoamento de talentos, junto com a urgência de agir e pensar com maior criatividade.

Essa postura exige uma combinação de inteligências para resolvermos problemas e criarmos novos produtos necessários ao desenvolvimento de nossa cultura, que é baseada na acumulação de riqueza. O objetivo é manter o sistema para aqueles que detêm o domínio dos meios de produção e mantêm a força do capital.

Neste contexto, as pessoas consideradas inteligentes, criativas e com habilidades específicas (para utilizá-las no trabalho) são consideradas um bem para a nação, pois são exploradas em seus potenciais para produzir riqueza, conhecimento científico e, conseqüentemente, poder sobre outros povos.

Como exemplo, podemos citar a nação dos Estados Unidos da América, um dos maiores expoentes de supremacia econômica e poder no sistema capitalista. No seu sistema educacional e filosofia pragmática, o valor do conhecimento mede-se pelos efeitos práticos que lhe são provenientes, por isso a população tem acesso à educação e possibilidade de explorar seus potenciais uma vez que seus conhecimentos serão utilizados em favor do seu grupo social (DEWEY, 1979). Para a cultura americana, as classes sociais se constituíram para a consolidação da sua democracia, não de forma contraditória como a luta de classes de Marx, mas ideologicamente de forma produtiva para o contexto de sua sociedade como um todo.

No Brasil, nos deparamos com outra realidade, as pessoas com altas habilidades (e a maioria dos alunos das escolas regulares de ensino) não encontram na escola um ambiente favorável para o desenvolvimento e aproveitamento de suas potencialidades (Alencar, E. M. L., & Virgolim, A. M. R., 1999).

Segundo Pérez ,

Muitas são as dificuldades que enfrentam as pessoas com altas habilidades (PAHs), a começar pela precariedade ou inexistência de atendimento, especialmente no Brasil, onde a temática tem começado a ser discutida com maior profundidade apenas nas últimas três décadas, particularmente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 (Lei 5692/71) e, com maior ênfase, após a aprovação do Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001). (PÉREZ, 2003)

A educação especial é conceituada como uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE), disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo ensino e aprendizagem nas turmas do ensino comum, como apresentado na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008a).

Dentro da educação especial, o AEE é um serviço oferecido pela educação especial aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação (AH/SD), que tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas nesse serviço é complementar ou suplementar ao ensino comum (BRASIL, 2011a).

4. Conclusão

Com o movimento da história, podemos observar que o objetivo comum nos estudos sobre altas habilidades/superdotação tem sido o de propiciar o desenvolvimento do potencial destes alunos, visando que este conhecimento seja utilizado em favor das necessidades da sociedade capitalista e, também, que não seja mobilizado para outros grupos que contrapõem as leis sociais e prejudicam as organizações que favorecem o capital.

O sistema econômico atual exige cada vez mais das pessoas. Devido a velocidade com que o conhecimento passou a ser transmitido por meios eletrônicos, foi introduzida a necessidade de constante inovação, que compreende no domínio e na conquista de novas habilidades, desenvolvimento e aperfeiçoamento de talentos, junto com a urgência de agir e pensar com maior criatividade.

Essa postura exige uma combinação de inteligências para resolvermos problemas e criarmos novos produtos necessários ao desenvolvimento de nossa cultura, que é baseada na acumulação de riqueza. O objetivo é manter o sistema para aqueles que detêm o domínio dos meios de produção e mantém a força do capital.

Neste contexto, as pessoas consideradas inteligentes, criativas e com habilidades específicas (para utilizá-las no trabalho) são consideradas um bem para a nação, pois são exploradas em seus potenciais para produzir riqueza, conhecimento científico e, conseqüentemente, poder sobre outros povos.

Como exemplo, podemos citar a nação dos Estados Unidos da América, um dos maiores expoentes de supremacia econômica e poder no sistema capitalista. No seu sistema educacional e filosofia pragmática, o valor do conhecimento mede-se pelos efeitos práticos que lhe são provenientes, por isso a população tem acesso à educação e possibilidade de explorar seus potenciais uma vez que seus conhecimentos serão utilizados em favor do seu grupo social (DEWEY, 1979). Para a cultura americana, as classes sociais se constituíram para a consolidação da sua democracia, não de forma contraditória como a luta de classes de Marx, mas ideologicamente de forma produtiva para o contexto de sua sociedade como um todo.

No Brasil, nos deparamos com outra realidade, as pessoas com altas habilidades não encontram na escola um ambiente favorável para o desenvolvimento e aproveitamento de suas potencialidades (Alencar, E. M. L., & Virgolim, A. M. R., 1999).

Segundo Pérez ,

Muitas são as dificuldades que enfrentam as pessoas com altas habilidades (PAHs), a começar pela precariedade ou inexistência de

atendimento, especialmente no Brasil, onde a temática tem começado a ser discutida com maior profundidade apenas nas últimas três décadas, particularmente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 (Lei 5692/71) e, com maior ênfase, após a aprovação do Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001). (PÉREZ, 2003)

Observa-se que, no Brasil, pouco tem sido feito no sentido de identificar indivíduos talentosos e favorecer o seu desenvolvimento. Isto se deve, em grande parte, a uma série de mitos e crenças a respeito das pessoas com altas habilidades/superdotação, alguns decorrentes de características próprias destas pessoas, outros, de preconceitos culturais e até da própria desinformação sobre o tema.

Para Alencar,

[...] o futuro de qualquer nação depende da qualidade e competência de seus profissionais, da extensão em que a excelência for cultivada e do grau em que condições favoráveis ao desenvolvimento do talento[...] (ALENCAR, 2003, p.11)

Diante de novas tecnologias no cenário produtivo, o sistema capitalista requer um trabalhador com maior qualificação e habilidades específicas para criar e operar máquinas. O capitalismo promove a formação de trabalhadores para desempenharem atividades exclusivas e atender o mercado. Segundo Saviani,

[...] para produzir materialmente, o homem necessita antecipar em idéias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte). (SAVIANI, 2003, p.12).

É certo que o sujeito com altas habilidades/superdotação (assim como todos os alunos) necessita de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras que estimulem o seu desenvolvimento e que favoreçam a realização plena de seu potencial, porém, deve ser levado em conta também que os sujeitos são constituídos nas suas relações sociais e dentro de um contexto histórico determinado, regido por relações pré-estabelecidas economicamente.

Os objetivos e interesses das pessoas com altas habilidades/superdotação se identificam com as produções históricas e coletivas do homem. Essa produção humana

precisa ser assimilada pelos indivíduos para que se tornem humanos, estes que por sua vez, também desenvolvem formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

De acordo com Vigostky (1998) “[...] se a hereditariedade torna possível a genialidade, somente o ambiente social realiza essa possibilidade.[..]”. Tudo isso nos leva a refletir o nosso pensamento e prática no âmbito da educação de uma forma geral, uma vez que a educação é elemento de significação do próprio capitalismo: “A cada um conforme suas necessidades. De cada um conforme suas possibilidades” (MARX, K. ENGELS, E. F., 2006)

A ideologia desenvolvida pelas competências e habilidades, não pode ser entendida fora da lógica da divisão do trabalho, deve ser analisada no âmbito das relações sociais e no valor de mercado que as mesmas têm para o capital. Essa articulação enfrenta, explicitamente, os processos discriminatórios, as formas de seletividade e as estratégias de competitividade fundadas no desempenho individual e na desobrigação do Estado na implementação de políticas educativas que proporcionem acesso aos bens de consumo, conhecimento com qualidade e reflexão a todos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. de. **Psicologia e Educação do Superdotado**. São Paulo: EPU, 1986.

ALENCAR, E. M. L. S. de; Fleith D. S.. **A atenção ao aluno que se destaca por seu potencial superior**. Cadernos de Educação Especial:: edição: 2005 - N° 27

_____. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. São Paulo: E.P.U, 2001.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**: Secretaria de Educação Especial *.Tendências e Desafios da Educação Especial*. Brasília:SEESP, 1994.

_____. **Secretaria de Educação Especial** (1999). *Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: superdotação e talento vol. 1*. Brasília: SEESP.

_____. **Secretaria de Educação Especial** (1999). *Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: superdotação e talento vol. 2*. Brasília: SEESP.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução a filosofia da educação**. 4. ed. São paulo: Nacional, 1979.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:** quatro ensaios crítico - dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo, Cortez, 2003.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 9ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. Prefácio. In: **Contribuição à crítica da economia política**. 1859. Hipertexto. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/>. Acessado em: 20 jun 2009.

_____. **O manifesto comunista**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Manuscritos econômicos filosóficos**, 1ª ed. 1932. Disponível em: www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**, 18 Brumário e Contribuição para a crítica da economia política. Coleção Os Pensadores. 1ª ed. Vozes, 1974.

Ministério da Educação. (1995). **Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos**. Brasília: Secretaria de Educação Especial.

PÉREZ, S. G. P. B. **Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento**. *Cadernos de Educação Especial*, v. 2, nº 22, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fonte, 1998

VIRGOLIM, Ângela M. R.. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Especial, 2007.

_____. **O indivíduo Superdotado: História, Concepção e Identificação**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, jun.-abr., v.13, n.1, p.173-183, 1997.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

